

ENTREVISTA COM LEDA BISOL

Como surgiu o seu interesse por Linguística?

Meu interesse pela área começou no II Instituto Interamericano de Linguística, que se realizou no México, de 27 de novembro de 1967 a 02 de fevereiro de 1968, com minicursos ministrados por professores de diferentes partes do mundo, entre os quais Mattoso Camara Jr. Foi o primeiro curso com o grande mestre. Encantada com a nova perspectiva de estudos da linguagem que se desvendava, pois de minha formação trazia somente conhecimentos de Filologia, tomei, então, todas as providências para realizar o mestrado na área, o que veio a se tornar possível com a Pós-Graduação em Linguística, sob direção de Aryon Dall'Igna Rodrigues e colaboração de Mattoso Camara Jr., que se instituiu no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde realizei o mestrado e o doutorado, não subsequentemente.

Conte-nos um pouco sobre sua experiência de Pós-Graduação no exterior.

Durante o doutorado, estive um ano com bolsa da CAPES na Universidade de Edinburgh, na Escócia, mais especificamente no Laboratório de Fonética, onde realizei todo o trabalho experimental relativo a minha tese, sob a supervisão atenciosa e clarividente de J. A. Kemp. No período, participei de vários cursos, entre os quais os de Abercrombie e Laver, nomes expressivamente presentes na literatura da Fonética. Habituada à leitura em inglês, mas não à fala, o desafio não foi pequeno, mas, em contraparte, os escoceses, que são gentis e amáveis, favoreceram o contato. Dado o imenso frio daquela terra, que ia aos extremos de 10 a 20 graus abaixo de zero, ao chegar ao antigo prédio de Linguística, costumava-se tomar uma “caneca” de chá, na sala aquecida à lareira, onde se deixavam os agasalhos pesados; lá, entre uma breve conversa ou uma escuta descontraída, todos se familiarizavam. E, então, seguia-se para a sala de aula ou de estudos, em geral, coletiva. Compartilhei-a inicialmente com um estudante de finlandês e depois com um islamita que, gentilmente, tentara converter-me ao islamismo. Bons momentos foram vividos não só na universidade, mas também fora dela, deixando da bela cidade de Edinburgh e dos amigos daquela época e daquele lugar uma grata recordação. Com bolsa de Pós-Graduação do CNPq, estive um ano na Universidade de Stanford, Califórnia, com a felicidade de poder contar com Paul Kiparsky na discussão da pesquisa programada para aquele período: o ditongo no

português. Em adição, assisti a vários cursos, apresentei o artigo *One Harmony in Brazilian Portuguese*, no seminário *Sociolinguistics Workshop* da Universidade de Stanford, que também foi apresentado em *New Ways of Analyzing Variation in language* (NWAV_XVII), em Montreal, Quebec. Nesse mesmo evento, foi apresentado um segundo artigo em co-autoria com Gregory Guy, *Phonological Theory and Variable Data*. Ao contrário da experiência escocesa, a norte-americana foi mais solitária, pois a comunicação virtual, via e-mail, que ainda era rara no Brasil, já reinava plenamente, deixando mais tímida a aproximação de um com o outro. Foi uma experiência que tive de aprender. No entanto, esse foi um período muito feliz tanto nos estudos e pesquisas quanto na vida cotidiana.

Como foi a experiência com Mattoso Camara Jr.?

Fiz todos os cursos de Mattoso Camara no período de mestrado, no Museu Nacional, e, ao voltar ao Rio de Janeiro para o doutorado, ele já não existia. Foi um professor raramente igualável, a Fonologia irradiava dele e contagiava a todos, pois ele concentrava a atenção de seus ouvintes por meio de uma voz que vinha de dentro de sua vivência fonológica, razão de sua vida. Essas aulas ficaram em minha lembrança. Embora tenha feito a minha dissertação de mestrado na área de Sintaxe, “Predicados Complexos”, a Fonologia foi minha opção no doutorado: de alguma forma, meu caminho de pesquisa foi marcado pela presença de Mattoso Camara, constante referência em minhas publicações.

Quais são os grandes temas de sua pesquisa?

Todo assunto que diz respeito à gramática dos sons da linguagem me interessa. Mas meu foco de atenção compreende a fonologia do português brasileiro do norte ao sul do país, a interface entre Fonologia e Morfologia, além da comparação entre o português europeu e o brasileiro. Todavia, alguma investida na gramática histórica também faz parte.

Quais são seus interesses de pesquisa atualmente?

Estou envolvida em três pesquisas: Variação Linguística no Projeto VARSUL, IV versão, em fase final, realizada com a colaboração dos pesquisadores do sul do país; um estudo sobre a epêntese de consoante, em andamento; e, em fase inicial, uma comparação dos sistemas básicos do português europeu e do brasileiro, com a colaboração de um professor da Universidade do Porto.

Que contribuições os estudos fonológicos vêm dando à Linguística?

A partir da ideia de Saussure, início do século XX, segundo a qual há o estudo histórico-comparativo de línguas e o estudo de um estado de língua, a diacronia e a sincronia, colocadas então em lados opostos, são noções que trilham caminhos diferentes. A Fonologia, por sua vez, se consagrou como teoria na linha da sincronia, com os seguidores Trubetzkoy e Jakobson, da Escola de Praga, e Bloomfield e Sapir, da Escola Americana. Houve contribuições de outras vertentes da teoria fonológica que se sucederam para o real conhecimento das gramáticas de sons de línguas faladas no mundo, entre as quais, as minoritárias, como as línguas indígenas do Brasil.

Em sua opinião, quais são os grandes marcos das pesquisas linguísticas contemporâneas?

Tudo indica que as pesquisas relacionadas ao discurso tomam fôlego, seja com ênfase no sentido, como a Semiótica ou Semiologia, seja com ênfase no uso, como a Pragmática, entre outras. Mas cada área tem a sua faceta privilegiada, como a sintaxe funcional, no âmbito da Sintaxe, e, no âmbito da Fonologia, a teoria da otimidade e a teoria das moras. Isso como uma visão geral, descompromissada, pois outras teorias podem estar pontificando, aqui e acolá, como as demais áreas devem ter os seus domínios privilegiados.

Como você vê o desenvolvimento dos estudos linguísticos no Brasil nos últimos anos?

O quadro geral do Brasil, resumidamente, é o seguinte: nas universidades em que, ao lado das disciplinas básicas, como Sintaxe, Fonologia e Semântica, cultivam-se teorias relacionadas ao discurso ou texto, o desenvolvimento é o esperado, com resultados significativos e repercussão fora do país. Nas universidades em que, ao contrário, privilegiam-se disciplinas relacionadas ao discurso/texto em detrimento das básicas, o desenvolvimento fica muito a desejar e constitui um dos problemas do Brasil, fato que precisa ser pensado e solucionado.

Em sua opinião, quais seriam as perspectivas para os estudos linguísticos?

Estudos de interface do tipo Fonologia/Morfologia, Fonologia/Sintaxe, Fonética/Fonologia, linguagem/ensino, ou outras dimensões, como linguagem/Psicologia, língua(gem)/cérebro etc., abrem inúmeras perspectivas de estudos. Todavia, os velhos temas são sempre novos quando estudados sob

a perspectiva de uma nova teoria que o desenvolvimento da Linguística oferece, ou quando uma reorganização de dados abre as portas para uma nova visão do fato linguístico. Vale observar que, na área da Sociolinguística, esse dilema, velho e novo, não existe, dada a diversidade de comunidades que falam a mesma língua, sobretudo, em se tratando de um vasto território como o Brasil.

Quais são as maiores dificuldades do pesquisador da área de Letras (Linguística)?

Uma biblioteca razoável é um requisito, contando-se com a internet para obtenção de artigos que se fizerem necessários com o desenvolvimento da pesquisa. Recomenda-se a participação de bolsistas de iniciação científica que, ao serem treinados, auxiliam o pesquisador em muitas tarefas. Demais dificuldades estão em relação com a infraestrutura da instituição ou com a obtenção de auxílio de entidades de fomento à pesquisa.

Qual é o papel da Linguística na formação de um profissional de Letras?

A visão da língua como um fato real do conhecimento humano, ou seja, da língua em sua dupla face língua/linguagem, capacidade do ser humano e uso, somente se adquire com a Linguística. Esse saber, ao menos em seus princípios básicos, é indispensável ao profissional de Letras que se dedica ao ensino de língua, por mais habilidades didáticas que possa ter. Embora a gramática normativa venha predominando no ensino fundamental e na graduação com vistas a adquirir a norma culta, um dos objetivos do ensino, o importante é levar o aluno a refletir sobre o que a gramática ensina como normas, respeitando a sua dimensão, mas refletindo sobre elas com fundamentos linguísticos. Assim sendo, a gramática normativa terá os efeitos esperados.

Com você avalia a relação entre as descobertas da Linguística e o ensino de Língua Portuguesa nas escolas, especialmente no que diz respeito à variação e ao preconceito linguístico?

Tanto a norma culta quanto a linguagem da comunidade em que a escola está ou as outras variedades, representadas ou não na fala dos alunos, devem ser foco de atenção do professor que ensina Língua Portuguesa, sobretudo, considerando-se que o português brasileiro caracteriza-se por um grande número de variedades geográficas, em virtude de seu amplo território e formação sociocultural. O ponto de partida pode ser a gramática normativa,

como uma reflexão sobre a norma estudada que deve incluir a variação decorrente em uso ou vice-versa, a partir desta para aquela, com base na Linguística. Para tanto, é necessário que a Linguística esteja presente na formação do professor, como foi referido na questão anterior.

Como o surgiu o Projeto VARSUL?

Havendo adquirido certo conhecimento e prática em variação nos cursos de doutorado e no desenvolvimento da minha tese, sob a orientação de Anthony Naro, iniciador e divulgador da análise variacionista no Brasil, ao regressar à UFRGS e dar continuidade a esse tipo de estudo, achei que devia aumentar a amostra que havia coletado, ou seja, organizar nova coleta. Ao falar sobre isso com a coordenadora do Centro de Letras, então, Margot Levi Mattoso, a ideia que nos foi sugerida foi incrementar as três pesquisas da casa: o Atlas Linguístico de Valter Kock, em andamento; o bilinguismo de Margot L. Mattoso, por iniciar; e a variação de Leda Bisol, em proposta de aumento de dados. Assim pensada, a intenção foi levada à diretora de Letras da UFRGS, Nora Thielen, que ofereceu todo o apoio para que de imediato organizássemos uma reunião com vistas a tratativas do projeto, convidando um pesquisador de cada universidade, a federal de Florianópolis e a federal de Curitiba. Assim o fizemos. Para a reunião de variação foram convidados os seguintes professores que se fizeram presentes: Solange Lira, da Universidade de Santa Catarina e Sergio Faraco, da Universidade do Paraná, um nome assaz conhecido. Assim começou o projeto que levou o nome de VARSUL, Variação Linguística no sul do País.

Qual a importância desse tipo de banco de dados?

Não só é importante para a descrição do português brasileiro que ainda tem muito por ser estudado, mas também pode ser, por meio de estudos comparativos, uma fonte de evidências para chegar à generalização de certas regras ou argumentos de ideias expostas, contribuindo dessa e de outra forma para o desenvolvimento da teoria fonológica.

O trabalho como professora em sala de aula e como orientadora é ainda estimulante?

É sempre uma alegria, um desafio, uma realização.

Entrevista realizada em: 24/09/2013.